

ZENTRAL P A R K ZENTRAL

REVISTA DE TEORIA & CRÍTICA
REVISTA ANUAL, Nº1, JANEIRO 1999

Textos de:

Alfonso Berardinelli

Américo A. Lindeza Diogo

Bruce Baugh

Fernando Matos Oliveira

Laura Santos

Luís Mourão

Manuel Sumares

Maria Cristina Álvares

Maria do Rosário Mariano

Oscar Wilde

Oswaldo Manuel Silvestre

Patrícia Amaral

Rui Magalhães



1

ZENTRAL P A R K ZENTRAL

Zentralpark.
Revista de Teoria & Crítica

Redacção:
Américo A. Lindeza Diogo
Laura Ferreira dos Santos
Luís Cabral
Luís Mourão
Manuel Sumares
Maria Manuela Carvalho de Almeida
Oswaldo Manuel Silvestre
Ricardo Coroado Pedro
Rita Romão
Rosa Lopes de Sousa
Rosa Maria Sil Monteiro
Sun Lam

Direcção:
Américo A. Lindeza Diogo
Luís Mourão
Oswaldo Manuel Silvestre

Endereço:
Rua dos Congregados, nº 2, 1º Esq,
4710 Braga
angnov@mail.telepac.pt

Periodicidade:
Anual

Pede-se permuta
On demande l'échange
Exchange required

ZP

mas a verdade mais abstracta é a mais prática

António Franco Alexandre

BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
REVISTAS

A

14

27

2

SUMÁRIO

Editorial	5	
<i>A Alma do Homem sob o Socialismo</i>	7	Oscar Wilde
<i>O Género Sexual do Messias</i>	19	Manuel Sumares
<i>Pe(r)dido de Amor</i>	29	Cristina Álvares e Américo Diogo
<i>Prolegómenos a Uma Estética do Rock</i>	41	Bruce Baugh
<i>Vozes que de Repente se Acendem no meu Corpo</i>	51	Patrícia Amaral
<i>Bertold Brecht, o Moderno Pós-moderno</i>	61	Fernando Matos Oliveira
<i>Sentido e Transcendentalidade. A teoria deleuziana do sentido</i>	69	Rui Magalhães
<i>Luís Mourão Trio Plays Standards at the Zentral Park</i>	83	Luís Mourão
<i>A Palavra, a Morte, o Outro, em Maurice Blanchot</i>	89	Rosário Mariano
<i>Educação e Valores. Três Cenários</i>	99	Laura Santos
<i>Da Nova Música à Musica Perennis. Aporias Tardo-modernistas em Adorno e Herberto Helder</i>	109	Oswaldo Manuel Silvestre
<i>Ser e Não Ser Americano</i>	117	Alfonso Berardinelli

Parque editorial

Inquirido pelo produtor quanto ao som que desejava para o seu primeiro disco, António Variações terá respondido: «Uma coisa assim entre Braga e Nova Iorque».

Também nós, se interrogados por um putativo produtor, nos situaríamos nessa desregulada geografia, entre Brecht e o Bom Jesus, entre a Meia Idade e a já vetusta guitarra eléctrica, tudo no cibermercado da América global.

E uma vez que estamos no domínio das intenções, e gozamos por enquanto de liberdade condicional, seja-nos permitida a pretensão de encontrar uma pertinência nova para certos emblemas de Benjamin, de entre os quais nos apropriamos, para efeitos de observação das espécies, do docemente anacrónico *Parque Central*.

Aqui damos, pois, de forma um tanto oblíqua, a nossa contribuição para o estudo da alma do homem sob o capitalismo tardio. É inegavelmente este que nos permite oferecer a imagem do ócio que se configura nestes textos cuja reunião implica uma não observância rigorosa de um número razoável de obrigações sociais. Em suma, oferecemos uma amostra da alma do homem sob o socialismo (o eterno). De facto, é um pouco porque já somos alma que podemos transitar de um poeta tão desobrigado como Herberto Helder para o amigo americano de Alfonso Berardinelli, do (novamente ambíguo) género sexual do Messias para a questão do Neutro em Blanchot, ou do Luís Mourão Trio tocando *standards* para uma estética anti-kan-tiana do *rock*.

«Revista de Teoria & Crítica», ou de teoria crítica, ou, mais com os tempos, de crítica da teoria, *Zentralpark* propõe-se, sem melancolia, ao seu público finissecular, com todas as suas lacunas e hiatos. Não é completa, mas ficamos com a sensação de que poderia sê-lo. De tal modo confiamos no nosso leitor.

Sem abandonar perspectivas de emancipação que convêm à sua vocação crítica, *Zentralpark* começa por considerar-se simplesmente parte da cultura portuguesa tal qual ela existe num contexto de modernização tardia, de pós-modernização e de globalização. É tão legitimamente nacional como a nossa taxa (pós)moderna de natalidade, a despeito da pobreza.

É razoavelmente variada a nacionalidade dos seus colaboradores. Fazendo da existência uma virtude, e tirante a língua, que todavia se quer acolhedora de outras e de muitas linguagens,

Zentralpark irá sendo editada como se pudesse sê-lo em qualquer cidade contemporânea: Nápoles, Paris, Berlim, Lisboa.

Zentralpark deseja-se, pois, à imagem da condição contemporânea da nossa cultura alheia. Pois tal nos parece ser, por exemplo, a designação que cabe ao uso da teologia como teoria crítica por Manuel Sumares, o qual não responde a nenhum uso que possamos dizer intrinsecamente nosso desse ramo do conhecimento de Deus; ou à leitura psicanalítica do romance arturiano em verso. É mesmo como Teoria, isto é, como espécie «americana», que se pode ainda tratar Deleuze como pensador da educação.

Tal é a condição de uma cultura - a nossa - submetida, ao longo do século, a um processo de modernização ora saudosista ora selvagem, que, concluído o cavaquismo (mas não de facto), nos leva a descortinar os enunciados emancipatórios de maior efectividade social na música «pimba», sem que o bom povo nela note alguma discrepância com a moral e os bons costumes. Talvez o bom povo, como sempre, faça o que pode, (pós)modernizando-se apesar de uma elite que, como é muito típico de sociedades periféricas (ou mesmo semi), exige ao mesmo tempo as latas de sopa Campbell e a autenticidade impoluta dos santeiros minhotos. Ou, o que é o mesmo, anela pelos tempos irremediavelmente passados do vento na praia da Consolação deserta - formas outras de muito nossos labirintos da saudade.

É talvez altura de desdramatizar, após dois séculos de discurso da decadência: aceitar que se tenha um som *entre* Braga (e já agora Coimbra) e Nova Iorque. Como nos lembra um outro (não)periférico, Sergio Paulo Rouanet, toda a nossa produção intelectual moderna é uma dorida litania por demais consciente de que «o progresso é impensável e o atraso uma vergonha». Em contrapartida, *Zentralpark* é um ponto de encontro de atrasados sem vergonha. E que, ainda assim, fazem alguma confiança no progresso.

Zentralpark não se propõe, pois, concluir nenhum projecto inacabado; julga não sofrer nem de excesso nem de carência de Luzes; e guiada por um módico delas irá contando histórias de um mundo (e pensamos que felizmente) desprovido hoje de um Parque Central.

tuguesa, Lisboa, Assírio & Alvim, 1985, p.7.

²⁸Photomaton & Vox, p. 141.

²⁹Idem, p. 140.

³⁰Herberto Helder, *Os Passos em Volta*, Lisboa, Assírio & Alvim, 19804, p. 169.

³¹*Photomaton & Vox*, pp. 73 e 74.

³²Adorno, Op. Cit., p 285.

³³*Os Passos em Volta*, p. 170.

³⁴É aliás neste sentido que algo se preserva em Helder do surrealismo, já que também neste o inconsciente é a forma de sair da cultura e regressar à origem.

³⁵*Photomaton & Vox*, p.131.

³⁶Rosalind Krauss, *The Originality of the Avant-Garde and Other Modernist Myths*, Cambridge/London, The MIT Press, 1986, p.162.

³⁷Poder-se-ia talvez reforçar: pelo único. Mas convirá perceber que esse único - que poderemos igualmente atribuir a obras de Piero, Goya ou Delacroix - não fora até ao nosso século suficiente para que a arte não só se destinasse ao museu, como ainda em grande medida fosse função dele. E não me refiro a citações, paródias ou pastiches que o pressupõem, de Bacon a Hockney ou a tantos outros; mas antes ao facto de parte significativa da arte contemporânea o ser por funcionar dentro de uma instituição que como tal a define, ao contrário do que sucede, e sucedeu, com os Goyas e Velasquez do passado. De facto, é o novo que legitima o museu (e, posteriormente, vice-versa), e não propriamente o único; e isto apesar de na arte moderna o novo absorver o valor do único enquanto descontinuidade radical na cadeia temporal, o mesmo é dizer, corte ontológico. Algo inversamente, o novo parece ser bastante, mesmo quando dele se não exige o único, mas apenas o seu imperativo: em qualquer museu de arte moderna abundam as obras em que o novo não é senão uma ética fatigada. Mas essa fadiga ou impossibilidade do único ainda assim permite a promessa do novo (ou antes: não vive senão dela), a qual arrasta o cansado espectador para mais uma sala, na expectativa do novo que lhe oferece ainda uma versão do único - e lhe dá o museu como colecção de entidades discretas, logo, não esgotável senão após a peregrinação à última.

Ora, esta legitimação do museu pelo novo, arrasta também uma legitimação do museu de arte antiga pelo de arte moderna. E é aqui que os problemas surgem, pois nas vastas salas do Louvre onde se albergam os Poussins e seus coevos, a lógica é já inteiramente a do armazém. Um pouco como no plano final do depósito de caixotes de Indiana Jones, essas vastas telas parecem de todo indiferentes quer ao novo, quer à sua lógica do discreto: pelo contrário, tudo agora é contínuo e sem tempo, isto é: contemporâneo. Será por isso, por não responderem à lógica legitimadora do novo, que os museus de arte antiga tendem sempre (e cada vez mais) para o armazém? (Vide o caso do nosso museu das janelas verdes após a última "modernização").

³⁸"Nesse caso, se a atitude é o virar de costas, porque publica o Autor livros?", inquiria uma colega da da ao realismo do mercado. "Talvez se publique para mostrar como este mundo é impúblicável", respondi eu, num acesso tardo-modernista. Mas, de facto, como legitimar (ou tão-só interpretar) as atitudes de Herberto (que são ainda parte integrante e relevante da sua obra), a não ser em quadro adorniano?

³⁹Rosalind Krauss, Op. Cit., p. 162.

⁴⁰A combinatória foi primeiramente relevada por Lúcia dal Farra no seu livro *A Alquimia da Linguagem. Leitura da Cosmogonia Poética de Herberto Helder*, Lisboa, IN-CM, 1986, pp.156-157.

⁴¹Conviria, a este propósito, convocar para aqui aquele Adorno que nos lembra, contra as pulsões regressivas da vanguarda, como a arte acompanha a narrativa weberiana do desencantamento: "Falar de magia da arte é palavreado, porque a arte é alérgica à recaída na magia. A arte constitui um momento no processo do assim chamado por Max Weber desencantamento do mundo, implicado na racionalização" (in *Teoria Estética*, Lisboa, Edições 70, 1982, p. 69). O «projecto» de Helder em *Poeta Obscuro* afigura-se assim, nos termos de Adorno, condenado à aporia: "A aporia da arte, entre a regressão à magia literal ou a transferência do impulso mimético para a racionalidade coisificante, prescreve-lhe a sua lei de movimento; tal aporia não pode remover-se", *Id.:ibid.*



Ser e não ser Americano*

Não sou um americanista, nem um estudioso de política externa. Nem fiz sequer uma viagem aos Estados Unidos: e isto, mesmo em Itália, há já alguns anos começa a ser um caso insólito. A única razão pela qual ousou intervir brevemente a respeito desta *Carta aos amigos americanos*, publicada por Ernesto Galli della Loggia, é que eu próprio, levado por qualquer móbil complicado, escrevi há alguns anos um breve ensaio com título idêntico (em "Tempo illustrato", depois inserido em *L'Esteta e il Politico*, Einaudi, 1986).

A curiosidade levou-me a ler o livro de Galli della Loggia. E o que me leva a dizer alguma coisa é que este livro põe indirectamente em causa o tom, os argumentos e as ambiguidades da minha carta aos mesmos (ignaros e imperturbáveis) "amigos americanos". Devo ter abusado frequentemente, aos olhos de Galli della Loggia, daquilo que ele de boa vontade denominaria de "ironia fácil". Mesmo se em minha defesa deva confessar que a minha ironia, para além de talvez ser fácil, também era amarga, desconsolada, virada sobretudo contra os meus compatriotas e de todo privada de um orgulho europeu que me parecia sem fundamento.

Em suma, não falando com a competência de um historiador e de um político, devia por força despojar-me daquele ponto de vista de "intelectual democrático europeu", que tanto irrita Galli della Loggia, e assumir (de resto sem esforço algum) o ponto de vista da chamada gente comum. Porque, mesmo que Galli della Loggia não o creia possível, pode acontecer também que na Europa e na Itália um intelectual se sinta "gente comum" e "povo", sem qualquer aspiração mais ou menos frustrada a tornar-se um *manager* cultural ou um *leader* de massas.

O facto é que toda a gente, hoje, não só na Itália e na Europa, mas no mundo inteiro,

conhece, sabe-se lá como, muita coisa da América, sem necessidade de estudos profundos e viagens dispendiosas. Eu partia e não posso deixar de continuar a partir deste dado: como se pode explicar que eu tenha dos Estados Unidos uma imagem tão variada, rica e bastante precisa — coisa que não me sucede com nenhum outro país estrangeiro, nem sequer com a França, a Alemanha, a Inglaterra, a Espanha ou a Suíça, que nos ficam tão próximas e onde eu até já estive?

A resposta é tão banal como a pergunta, e é esta: os Estados Unidos são tão omnipresentes e reconhecíveis porque são não apenas a primeira potência industrial do Ocidente e do mundo, mas porque são também os maiores produtores ocidentais e mundiais de ideologia e de valores simbólicos, de modelos de comportamento e de imagens. Tratam incessantemente dos seus símbolos sociais porque a sua cultura é a mais social e socializada que se conhece. A cultura americana é, sem resíduos, timidez, idiosincrasias, dúvidas morais ou metafísicas, uma cultura adaptada à "publicidade", à reprodução industrial em massa. Os Estados Unidos produzem a ideia de um modo de viver e de ser. Produzem, distribuem e vendem a sua identidade em todo o mundo. Algo que não tenha sucesso, que não possa ser vendido e comprado, para eles, não existe na realidade.

Mas por que é que Galli della Loggia se indigna tanto se alguém se sente pouco à vontade diante do triunfo desta ideia e desta praxis? Por que é que vê em todo este mal-estar só anti-americanismo reaccionário, católico ou cripto-estalinista? À ideia de cultura como sucesso de massas já sorriu o êxito: não há qualquer necessidade de se bater para que isso aconteça. Os intelectuais europeus são muito mais americanizados do que ele crê. Não vêem outra coisa senão isto: modernizar-se e

americanizar-se. A sua vergonha pelo atraso e imperfeição dos europeus e dos não-ainda-americanos tornou-se uma embaraçante nevrose que invadiu todo o velho continente. Todos sabem que só passando pelos Estados Unidos, só filtrados pelo seu potente aparato promocional e propagandístico os modelos e os produtos europeus se tornam realmente famosos. Neste sentido (para além do sentido estritamente político), a Europa é um continente partido ao meio: pode empreender e inventar alguma coisa, mas esta coisa só chega a uma fase de realização, só se torna produto acabado, realmente influente, exportável e comerciável, se tiver êxito na América, se a "Time" e a "Newsweek" falarem dela.

Nos últimos anos (desde que os intelectuais e os partidos de esquerda europeus se envergonharam de ter sonhado com coisas como o comunismo, a revolução ou pura e simplesmente com a "transição para o socialismo"), desde então e uma vez mais, o fenómeno cultural mais relevante é o esforço activo e consciente dos intelectuais para se americanizarem. Nada há que temer a este respeito: neste caminho não se volta atrás: Galli della Loggia não se deve preocupar, não deve exigir dos aspirantes a americanos que povoam a Europa uma coerência filoamericana superior àquela humanamente possível.

A americanização do mundo é um processo irreprimível e deveras "epocal", que se realiza, entre outras coisas, por meio de progressivas acelerações. E é claro que, contendo muitas coisas, provavelmente todas, este processo epocal de americanização não pode deixar de conviver com um ou outro sobressalto de crítica esporádico, débil, passageiro e penoso dirigido à política e ao conformismo americanos. Porquê eliminar do quadro até estas honrosas e inócuas tonalidades, estas pequenas discussões de família rapidamente

ultrapassadas, se até os estados de New England e da Califórnia se sentem por vezes irredutivelmente diferentes e fazem reciprocamente a caricatura um do outro?... Os próprios americanos criticam-se de modo inteiramente despreconceituado, dizem mal de Reagan, do Pentágono, da CIA, do chauvinismo fascistoide do seu Midwest, de si próprios. E com quem aprenderam, por vezes, os intelectuais europeus senão com a própria cultura anticonformista americana: com Henry Miller, com Wright Mills, com Ginsberg, com Marlon Brando, com Bob Dylan, com Kubrick, com algum discípulo de Marcuse?

Na tentativa de captar e de meter na cabeça dos intelectuais europeus a verdadeira essência da cultura americana (povo, dinheiro, progresso técnico, democracia), Galli della Loggia oferece-nos uma imagem curiosamente simplista, edulcorada até, dos Estados Unidos: precisamente a imagem (sou tentado perversamente a dizê-lo) que pode construir qualquer intelectual europeu que vê as coisas com as lentes cor-de-rosa do seu desejo de reconquistar alguma integridade através da americanização.

Sei bem que ser europeu por vezes é deprimente, para além de ser cómodo. Aqui tudo é velho, tudo se ressentido do peso do passado, um passado irrepitível, museificado. E as nossas classes dirigentes são acomodáticas e vis: seguem os seus governados no seu hedonismo irresponsável, que quer ao mesmo tempo segurança militar e pacifismo, bens de consumo e mãos limpas. Mas como proceder para não se ser europeu? Como tornar-se americano?

É esta a questão: nós não nos encontramos em condições de compreender globalmente e por dentro a cultura americana porque não somos americanos: como europeus, vemos o reflexo, os efeitos colonizadores da cultura Usa. Mas isto é óbvio e parece-

-me que Galli della Loggia descure que, para poder compreender a verdadeira, genuína e global cultura americana também nós nos deveríamos tornar americanos. O que nos resta, porém, e que torna frequentemente grotesco o filoamericanismo europeu é aquele puro e simples desejo de nos tornarmos americanos: um *desejo* que nos faz viver numa situação bovarística, imaginária. Esperamos ser promovidos a uma modernidade que não é e jamais será a nossa.

Entre outras coisas, é conveniente recordar que a modernidade se realizou já há algum tempo em todo o planeta. É moderna Nova Iorque e é moderna Palermo, é moderna Boston e é moderna Beirute: a modernidade não é um paraíso de eficiência, limpeza, civismo, racionalidade e democracia. A modernidade é algo de mais sujo e de mais global que já nos envolve a todos, nas suas formas mais eufóricas e mais angustiantes. Não é uma meta a atingir, cuja máxima realização se identificaria com os Estados Unidos (e quais, pois? os Estados Unidos não são na realidade um país sem diferenças e sem desequilíbrios...), é um estado de facto.

E, por outro lado, devemos recordar que os americanos têm à sua volta uma tradição crítica da modernidade ou de certos dos seus aspectos, que lhes é própria: uma tradição que talvez aqui fosse definida como "humanística" ou romântica e que lá é transcendentalista, libertária: uma espécie de utopismo e jusnaturalismo anárquico (Emerson, Thoreau, Whitman...) que sempre nutriu de forma abundante os movimentos de oposição.

Como não-americanos, nós e todos os outros povos da terra, vivemos numa especial e infeliz condição "universalística" que nos vê como consumidores e imitadores do modelo cultural Usa, ou como súbditos de sua realeza imperial, isto é, de um imenso

poder exercido mediante a força militar e económica e a persuasão. E sabe-se qual é o poder de persuasão que consegue exercer um poder tão grande... Se o problema fosse deveras o de aprender de culturas diferentes da própria, então não ficaríamos assim tão hipnotizados pela América: poderíamos adoptar alguma coisa da Dinamarca, da Polinésia ou da Islândia...

Escreve Galli della Loggia:

A Europa (...), na realidade, não foi colonizada pela cultura americana, mas antes, muito mais simples e dramaticamente, foi invadida pela cultura da modernidade (...). Mas a Europa tem medo da modernidade. E por isso deturpa-a, demoniza-lhe os seus supostos artificios com o objectivo de exorcizar o significado e o alcance que suspeita funestos para si.

É deveras curioso que, sem sentir necessidade de especificar, Galli della Loggia se aventure em dada altura, e precisamente nas páginas conclusivas do livro, a fazer uso do conceito de modernidade para castigar a renitência tradicionalista e a incoerência europeia perante os Estados Unidos.

De facto, aí já não se pode permitir nem a suspeita, nem a crítica, nem a esquisitice com respeito à indústria cultural e ao *american style* sem ser acusado (uma vez mais, como sempre!) de se estar ligado ao passado, de se ser "atrasado" e não caminhar suficientemente a par e passo com os tempos? Mas deste andar dos tempos, cujo rumor é cada vez mais atordoante, temos nós todos os dias os ouvidos cheios! E é um andar muito marcial, infelizmente, que continua a arrastar tudo e todos, o planeta inteiro, pobres e ricos, quer se queira quer não, em direcção a um exigentíssimo e

despótico Futuro de uma modernidade cada vez mais moderna e unívoca, irresponsável e destruidora.

O problema da Europa continental (a Inglaterra ainda repara em si) é que todas as críticas ao modelo social dominante correm o risco de resvalar ou para o revolucionarismo tradicional ou para o vale-tudo: ou, pior ainda, de ser interpretada nestes termos. Até os *snoobs*, os ineficientes, os desadaptados serão tomados por potenciais bolcheviques. O que significa que não temos uma tradição cultural e política capaz de reconhecer o sentido e o valor da crítica individual e electual.

Queríamos aprender com os americanos a não nos sentirmos servos e subalternos. Mas tal não é possível, porque, na realidade, como europeus, servos e subalternos já o somos de facto e seria ilusório acreditar noutra coisa. Todavia, podemos continuar a usar aquele tipo de figuras de retórica de que se compõe o exercício da crítica: fazendo "como se" fôssemos livres e soberanos, "como se" do público exercício da razão derivassem escolhas de interesse público, "como se" o indivíduo e cada um por si não tivessem já sido esmagados e neutralizados pelos aparelhos de produção industrial e pela burocracia tecnocrática. Sem estes "como se" da nossa retórica crítica ainda um pouco ligada ao passado, não teríamos, de facto, absolutamente nada.

A distinção entre teoria e *praxis* (tão difundida na Europa) não é só duplicidade e incoerência culpada. Entre aquilo que se realizou social e politicamente (mesmo não abrangendo toda a Realidade) e aquilo que ainda é só pensável "em abstracto", conserva-se talvez alguma reserva crítica que a "coerência" absoluta entre cultura e sociedade cristalizaria para sempre. Se alguém já me atou as pernas, deverei eu

também, por coerência, atar os braços por iniciativa própria? Será preciso, deveras, por coerência moral, renunciar a qualquer pensamento que não seja o reflexo, a legitimação e a apologia do que acontece? Por último: quando se faz a apologia dos chamados valores do Ocidente (Galli della Loggia não o faz, mas parece estar sempre pronto a fazê-lo: será que me engano?), esquece-se que o Ocidente é uma realidade e uma noção variada, contraditória. A Europa, como se sabe é um conjunto pouco coeso e muito variegado. E depois, há também a Rússia, que é parte integrante do Ocidente. A revolução bolchevique aprendeu quase tudo com a Europa, não é decerto um fenómeno asiático. A escola do radicalismo revolucionário é uma escola ocidental, que assumiu várias formas utópicas e niilistas, populistas e elitistas. E não nos podemos esquecer que a Europa e o Ocidente não inventaram só a racionalidade comunicativa e a democracia. Também inventaram o colonialismo, a destruição de outros povos e culturas: inventaram o fascismo, os campos de extermínio, a bomba atómica e o seu uso.

Os europeus, vencidos e humilhados pelas guerras que fizeram entre si, possuem uma memória particularmente sensível à componente negativa da sua história. Os Estados Unidos, menos melancólicos porque sempre vitoriosos, acabam por esquecer os horrores da sua história que o Vietnam lhes tinha obrigado a olhar de frente:

A América foi fundada sobre um genocídio, sobre o incontestado pressuposto do direito dos brancos europeus de exterminarem uma população de cor indígena, tecnologicamente atrasada, para se apropriarem do continente.

A América não só possuiu o sistema escravagista mais brutal dos tempos modernos, como também um sistema

juridicamente único (...) que, sob nenhum aspecto reconhecia aos escravos a dignidade humana.

Como país (isto é, não como colónia), a América foi sobretudo povoada pelos europeus pobres excedentários (...). Estes chegaram a um país em que a cultura indígena era simplesmente o inimigo e estava para ser impiedosamente aniquilada, e onde o inimigo era também a natureza, uma força primitiva, não modificada pela civilização, isto é pelas necessidades humanas, que era necessário vencer.

(...) Os estrangeiros exaltam a "energia" americana (...). Mas é certamente uma energia inquinada logo na fonte, pela qual pagamos um preço demasiado alto, um dinamismo hipernatural e humanamente desproporcionado que arrasa os nervos de cada um. Fundamentalmente é a energia da violência, do livre desafogo do ressentimento e da ânsia desencadeada pelas crónicas deslocações culturais que exigem, na maior parte, sublimações ferozes. Esta energia foi geralmente sublimada no rude materialismo e na avidez do ganho. Numa frenética filantropia. Em insensatas cruzadas morais, das quais a mais espectacular foi o proibicionismo. Num espantoso talento para desfear a paisagem dos campos e das cidades.

Transcrevo estas velhas observações da escritora americana Susan Sontag (1966). Observações que o historiador poderá historicizar, que o intelectual europeu com uma disposição moralista filoamericana escutará com enfado. Mas que não carecem, creio, nem de paixão moral, nem de objectividade histórica.

[Tradução de Manuel S. Ferro]

* Texto originariamente publicado em *Linea d'Ombra*, Maio de 1987 e posteriormente reeditado em *Tra il libro e la Vita*. Situazioni della letteratura contemporanea, 1990. *Zentralpark* agradece a Alfonso Berardinelli a autorização para a publicação deste texto.